

QUAL ÁFRICA VOCÊ CONHECE? ROMPENDO COM ESTERÉOTIPOS NUMA AULA DO GOOGLE MEET

Juliane da Silva Ribeiro

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

E-mail: ju_abayomi@hotmail.com

Esse relato de experiência faz parte do capítulo 3 da dissertação “*O chão da escola e as suas possibilidades: a disputa do currículo e a construção de uma Geografia Negra*”. A pesquisa final é resultado das reflexões produzidas no chão da escola pública, em especial, na Rede Estadual de Educação de São Paulo. Busco, com elas, apresentar os limites e possibilidades de se disputar o currículo de geografia desde a escala da escola, reafirmando a necessidade de posicionar-se, como negra, mulher e trabalhadora, nesse processo. Para isso, analiso um conjunto de ações didáticas desenvolvidas entre os anos de 2014 e 2021 na Escola Estadual Marina Cintra, localizada na região central da cidade de São Paulo.

A atividade que será apresentada visa demonstrar a importância de reafirmar o recorte racial no ensino de geografia, na direção daquilo que aqui denominamos de Geografia Negra, a prática relatada integra o capítulo “*Manual Prático para Aulas, Geografias Negras e Afins*”. A música me atravessa de forma expressiva e aqui uso como inspiração o nome do álbum de um grande artista, Ed Motta, que em 1997 lançou “*Manual Prático para Festas, Bailes e Afins*”. O nome desse álbum que sempre me chamou muita atenção, virou nome do pequeno “manual” que foi criado para ajudar os leitores e as leitoras na construção e inspiração de práticas que promovam uma Geografia Negra. Esse repertório conta com práticas que já foram construídas na sala de aula e fora dela com os meninos e meninas; são práticas de um corpo inquieto que entende o quanto é importante professoras e professores serem criativos/as e promoverem discussões que tenham um caráter antirracista e isso pode acontecer no chão da escola e ao redor dela também.

A atividade que dá nome ao título foi ministrada durante a fase de ensino emergencial remoto, onde aproveitei esse momento de aulas *on-line* para convidar duas amigas e um amigo para contribuir com uma nova visão de África, naquela ocasião a habilidade do 1º bimestre visava desconstruir os estereótipos mantidos sobre o continente africano. Caroline Castro, Diogo Comum e Tainá Ramos, falaram das suas experiências na África do Sul, Egito, Quênia e Zanzibar, respectivamente.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 145-149, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.

ISSN: 2176-5774

Primeiro, montei uma apresentação de slides com informações demográficas (pirâmide etária), posição geográfica dos países, a macrorregião pertencente, imagem de satélite extraída do *Google Maps*, apresentação das convidadas e convidado, além de fotos e vídeos que foram disponibilizadas deixando os alunos/as maravilhados/as com uma visão de continente que quase não é apresentada. Uma questão introdutória que foi feita para os/as participantes marcava o início da fala das convidadas/os: “Que África eu conheci e qual a visão de África após minha ida ao continente africano?”. Em um dos relatos, o diretor de filmagem e colorista Diogo Comum disse: “Eu não lembro de uma aula sequer sobre África, toda minha construção sobre o continente havia sido feita de forma midiática, portanto um lugar miserável, subnutrido a ser salvo. Essa construção começou a se quebrar quando conheci o hip hop e soube que os arquitetos dessa cultura vinham de lá. Essa conexão fez com que eu virasse os olhos aos continentes e pesquisasse sobre. Hoje sei que África não precisa ser salva, muito pelo contrário, eu me volto para ela para ser salva.” COMUM, Diogo. [Qual África você conhece?]. *Whatsapp*: [mensagem privada para a pesquisadora] 29 abr. 2021. 1 mensagem de *Whatsapp*).

Já a produtora cultural Tainá Ramos, que viajou para o Kenya e Zanzibar deixou o seguinte comentário: “Eu sou da década de 80. Então minha visão de África sendo uma pessoa que estudou em escola pública na periferia da zona leste de São Paulo é extremamente estereotipada. Aquela África que é um país e não um continente, porque nem essa imensa diferença nos é explicada. Uma África cheia de miséria, fome, pobreza e animais exóticos. Fiz faculdade na Zumbi dos Palmares e mesmo cursando administração tinha aula de História econômica do negro e Diáspora Africana. Nesse momento da vida já tinha uma outra bagagem de conhecimento sobre África, que muito se deu através da arte (música e artes visuais) e as aulas da Professora Silvana foram um excelente complemento a esse conhecimento. Após minha ida ao continente africano meu olhar para África é ainda mais cheio de admiração. É um continente muito rico... em tudo. E poder dialogar com as pessoas do Kenya e Tanzânia, além de pessoas de outros países que estavam a passeio nesses lugares que visitei, encheu meu coração e mente de potência. Cada história, comida, praia, show e conversa que tive nessa viagem são experiências de uma vivência ímpar. Esperando ansiosamente pela próxima ida ao continente” RAMOS, Tainá. [Qual África você conhece?]. *Whatsapp*: [mensagem privada para a pesquisadora] 29 abr. 2021. 1 mensagem de *Whatsapp*.

Esses comentários abriram brechas para aprofundar diferentes temas. Além do que estava escrito na apresentação do *Power Point*, foram levantados outros assuntos importantíssimos. Diogo e Tainá falaram sobre as obras de infraestrutura e grandes *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 145-149, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”*.
ISSN: 2176-5774

modificações que estão acontecendo no Cairo e Zanzibar. Ele citou a construção da “Nova Cairo” e a produtora cultural comentou sobre as estradas que estão sendo construídas na ilha no Oceano Índico, nos dois relatos a China foi apontada como maior investidora. Mediando essa conversa, contei para os meninos e as meninas que integravam a aula sobre os interesses dos chineses revelando um novo imperialismo, que esses investimentos não estavam só no continente africano e falei sobre os investimentos chineses no Brasil, nos setores de energia e infraestrutura, por exemplo. Aqui reforcei o que é a Geopolítica e como uma aula que fala sobre romper com estereótipos nos levava para tantos outros caminhos que promovem um raciocínio geográfico.

Fiquei muito feliz com essa dinâmica, porque mesmo a pandemia sendo esse momento tão difícil e delicado, continuei pensando nessa construção da Geografia Negra e em como poderia me apropriar dessa plataforma para construir algo legal. Confesso que não foi fácil dar aula ao longo de 2020, sentimentos de frustração e angústia me cruzavam a todo momento, olhar o caminho que o país vinha (e vem seguindo) me deixava agoniada, em um pesadelo que não tinha fim. Esses sentimentos estiveram presentes na escrita e 2020 foi difícil para desenvolver a pesquisa do mestrado mencionada acima. Porém, 2021 chega e algumas modificações aconteceram, um certo ânimo despertado pela chegada da vacina e isso permitiu pequenas, mas importantes construções como essa aula no *Google Meet*.

Retomando, na aula seguinte, os alunos/as dividiram o que mais acharam interessante e as ressignificações que fizeram sobre a África após esse encontro. Eu dividi com eles/as várias coisas que desconhecia, mostrando que esse inacabamento, esse aprendizado constante também atravessa meu corpo. Esse dizer escancarado que não sei, sempre me humanizou e de certa forma me aproximou e aproxima dos alunos/as

É preciso destacar que mais uma vez contei com a ajuda de amigas, a *designer* May Francolino fez a arte de divulgação (Figura 1) da aula que está relatada e a ideia era chamar a atenção das alunas/os para essa manhã tão especial. A arte foi divulgada no *Instagram* e grupos de *Whatsapp* que tanto utilizamos durante a pandemia para comunicação com os/as estudantes.

A aula *on-line* com Caroline, Diogo e Tainá deu certo! A aula durou mais de 1 hora e 30 minutos e, geralmente, as outras aulas eram finalizadas com 1 hora. Sei que o número é baixo, frente ao número de matriculadas/os, mas tivemos quase 30 alunas/os *on-line* na plataforma do *Google Meet*. Nas outras aulas, a média era de 15 alunas/os e isso demonstra o quanto foi difícil ministrar aulas durante essa fase de ensino emergencial remoto, mesmo assim, eu sempre tentei me conectar com os/as estudantes e promover atividades variadas.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 145-149, set./2022. Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.

É preciso lembrar que cada escola é lugar, é particular, assim são muitas as possibilidades para construir essa Geografia Negra e ressignificar o olhar sobre o continente africano. Essas possibilidades podem estar atreladas apenas à sala de aula ou não. Como foi relatado, me apropriei desse momento de ensino emergencial remoto para trazer um novo olhar para o continente. Porém, nada impede a nós, professoras/es, de convidar um amigo ou uma amiga que tem um horário mais flexível para contribuir com essa aula e esse tema que é tão estereotipado no imaginário de grande parcela das pessoas. Se a presença desses amigos e amigas não for possível, fazer o uso de vídeos e fotografias e mostrar relatos de viagem é uma alternativa. Caroline Castro, participante dessa aula, disse: “Hoje, a África que conheço é avançada, tecnológica e extremamente sensível”. CASTRO, Caroline. [Qual África você conhece?]. *Whatsapp*: [mensagem privada para a pesquisadora] 29 abr. 2021. 1 mensagem de *Whatsapp*. Eu usei de minha sensibilidade, criatividade e das tecnologias disponíveis nesse momento para criar o meu repertório.

Concluo afirmando que essa ideia não pode ser copiada de forma idêntica, essa prática faz parte de um manual que foge desse lugar comum, esse manual é reflexivo, é partilhar e trazer ideias que não serão aplicadas de forma idêntica, mas poderá inspirar ou contribuir para o despertar da criatividade e construir Geografias Negras. Aqui tem uma professora que se colocou como autora, diferente da ideia gerencialista que o Governo do Estado pensa. Me coloco como autora, construindo saberes que me faz refletir sobre que currículo quero construir, como estou construindo o ensino de geografia e que tudo isso está em disputa.

Isso é disputa e essa é a minha disputa!



Figura 1: Arte desenvolvida pela amiga Mayara Francolino para divulgação de aula. Fonte: Mayara Francolino/reprodução, 29 abr. 2021.